



Alerta: livro de Silvio Coelho dos Santos quer chamar a atenção da comunidade para a realidade dos xokleng no Vale do Itajaí

Um bárbaro resgate da rica memória indígena

TÂNIA RODRIGUES

O resgate da memória indígena na região do Vale do Itajaí é o que pretende a obra *Os Índios Xokleng – Memória Visual*, que o antropólogo e historiador Silvio Coelho dos Santos lança em outubro pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade do Vale do Itajaí (Univali), com apoio da Fundação Cultural de Blumenau (FCB), prefeituras de Blumenau, Ibirama e Victor Meirelles e Banco do Estado de Santa Catarina (Besc). Trata-se de um livro álbum, de 152 páginas, contendo 195 fotografias acompanhadas de textos, a ser lançado por ocasião do centenário de Ibirama.

É intenção do antropólogo, autor de vários livros sobre as populações indígenas no Sul do Brasil, recuperar uma série de fotografias, a maioria delas em preto e branco, feitas por fotógrafos anônimos, que registraram a vida dos índios na região do Vale do início desse século até hoje. "Algumas fotos são de relevante valor documental, mas conseguimos identificar o autor de apenas algumas", informa.

O resgate da memória se dá em três partes. Na primeira, Silvio revela o extermínio dos indígenas nas florestas pelos bugreiros, caçadores de índios contratados pelo governo imperial e pelas companhias de colonização, para fazerem a "limpeza do sertão". Na segunda etapa, o autor enfoca a instalação do Serviço de Proteção aos Índios (hoje Funai), a partir de 1910, devido à insegurança dos imigrantes e a violência contra o índio, que chegaram a repercutir na imprensa local e nacional. Ainda na segunda parte da obra, Silvio conta como se deu a "pacificação" (o grifo é do autor) de parte do grupo xokleng, que ocorreu em 1914, no Alto Vale do Itajaí, e que permitiu a criação de uma reserva (hoje Área Indígena Ibirama). Por último, mostra a situação atual do índio e sua lu-

ta para conquistar o espaço perdido com a construção da Barragem Norte, de proteção contra as cheias no Vale do Itajaí. Com essa obra, Silvio quer chamar a atenção da comunidade e autoridades para a realidade dos xokleng, população que hoje vive confinada e, em alguns casos, engrossando favelas nas periferias das cidades, como Blumenau e até Florianópolis.

partir do processo de colonização, instituído pelo governo imperial, estabeleceu-se o caos. "Os indígenas foram perdendo espaço e tendo sua população reduzida devido ao conflito pela exploração da nova terra pelos colonizadores", explica.

Surgia, então, a figura do bugreiro, contratado para salvaguardar o processo de colonização, ameaçado pelos ataques dos aborígenes. O processo colonizador iniciou no Rio Grande por São Leopoldo (RS) em 1824; em Santa Catarina em São Pedro de Alcântara, em 1829, e no Paraná, a partir de 1930. "Do Paraná, eles eram arrastados em direção ao Sul, e do Rio Grande do Sul em direção ao Norte, sendo praticamente confinados entre o Litoral e o Planalto catarinenses", afirma o historiador.

Antropólogo reúne em livro mais de 190 fotografias acompanhadas de textos para recuperar a história dos xokleng do Vale



Documento: foto mostra os bugreiros e suas vítimas

O autor pretende resgatar também a história da região, que se constituiu em território tradicional dos povos indígenas no Sul. No passado, as populações aborígenes se concentravam em direção ao Norte, até a região de Curitiba, no Paraná, e em direção ao Rio Grande do Sul, na região de Porto Alegre. Em Santa Catarina, os índios viviam entre o Litoral e o Planalto, em alguns pontos, e se distribuíam até Campo de Palmas. A

Além do vasto material fotográfico, a obra contém poemas de Lindolf Bell, textos poéticos de Reinaldo Jardim, a reprodução de uma xilogravura de Elvio Damo e uma pintura de Franz Becker, além de textos escritos por alguns índios. O primeiro lançamento será no dia 2 de outubro, no Palácio Cruz e Souza, em Florianópolis. Dia 3, o livro será lançado em Ibirama; depois na Univali e, em seguida, em Blumenau. O autor cedeu os direitos autorais da obra aos xokleng de José Boiteux.

Vítimas

Silvio Coelho dos Santos não sabe precisar o número de índios exterminados. Ele lembra que, em 1914, quando do processo de pacificação, iniciado por Eduardo Hoehan, eles eram 400. Em 1932, o número caiu para 106, de acordo com pesquisas de um estudioso norte-americano na região de Ibirama. Ou seja, a população foi reduzida em menos de 15 anos. "Depois de sofrer o extermínio descarado, os índios foram desaparecendo em decorrência do convívio com os brancos", constata o antropólogo.